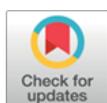




Contribuições da Expo Cultural da FAEC na formação de estudantes do Sertão de Crateús

Contributions of FAEC's Cultural Expo to the education of students from Sertão de Crateús



Barbara Cristhinny Gomes Zeferino¹

Universidade Estadual do Ceará - UECE/FAEC, Crateús, CE, Brasil



Hellen da Silva Gomes²

Universidade Estadual do Ceará - UECE/FAEC, Crateús, CE, Brasil



Júlia Raquel Macedo Batista³

Universidade Estadual do Ceará - UECE/FAEC, Crateús, CE, Brasil



¹ **Barbara Cristhinny Gomes Zeferino**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0057-8844>

Professora temporária do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Ceará - UECE/FAEC; Doutora em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Ceará - UFC. Autora, Professora da disciplina de Cultura Brasileira e Coordenadora da 1ª Expo Cultural da FAEC (UECE). Coordenadora do Projeto de Extensão “Criando laços: entre o brincar e o aprender”.

Contribuição de autoria: Escrita, Revisão e Edição.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3764981989033789>.

E-mail: barbara.zeferino@uece.br Minicurrículo em até 3 linhas.

² **Hellen da Silva Gomes**, ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-6860-861X>

Licencianda em Pedagogia pela Universidade Estadual do Ceará - UECE/FAEC. Monitora da disciplina de Cultura Brasileira

Contribuição de autoria: Escrita, Revisão e Edição.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4097396252849608>.

E-mail: hellen.silva@aluno.uece.br

³ **Júlia Raquel Macedo Batista**, ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-4130-8887>

Licencianda em Pedagogia pela Universidade Estadual do Ceará - UECE/FAEC. Monitora da disciplina de Cultura Brasileira e Expositora da Expo Cultural da FAEC.

Contribuição de autoria: Escrita, Revisão e Edição.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7167331651926290>.

E-mail: julia.raquel@aluno.uece.br





Resumo

A cultura brasileira tem sua origem marcada pela violência do processo de colonização, esse deixou marcas profundas, inclusive, na educação que se tornou ferramenta de imposição da cultura do colonizador. Atualmente, os documentos que regem a educação brasileira preveem ações para remediar esse quadro, porém questiona-se como se fará isso se a formação de professores é deficiente em problematizar a colonialidade presente no ensino. Nesse sentido, este artigo pretende trazer as percepções de estudantes de licenciatura que participaram da Expo Cultural da FAEC, um evento que objetivava descolonizar saberes, compartilhando as contribuições e potencialidades das culturas indígena, afro-brasileira e sertaneja em nosso processo formativo. Com a análise das entrevistas fica evidenciado como todas essas manifestações constroem a identidade desses estudantes e como re-conhecê-las em sua origem pode ajudar na prática de uma educação antirracista que supere preconceitos.

Palavras-chave

Cultura Brasileira. Formação. Identidade. Decolonialidade.

Contributions of the Cultural Expo of FAEC in the formation of the students from the Sertão de Crateús.

Abstract

Brazilian culture has its origins marked by the violence of the colonization process, this process left deep marks, including on education, which became a tool for imposing the colonizer's culture. Currently, the documents that guide Brazilian education provide for actions to remedy this situation, but it is questioned how this will be done given that teacher training is deficient in problematizing the coloniality present in teaching. In this sense, this article aims to bring the perceptions of undergraduate students who participated in the FAEC Cultural Expo, an event that aimed to decolonize knowledge, sharing the contributions and potential of indigenous, Afro-Brazilian and sertaneja cultures in our training process. The analysis of the interviews shows how all these manifestations build the identity of these students and how recognizing them at their origin can help in the practice of anti-racist education that overcomes prejudices.

Keywords

Brazilian Cultura. Teacher training. Identity. Decoloniality.

1 Introdução

Analisa-se que a cultura brasileira tem sua origem marcada por um violento processo de miscigenação que se deu a partir do sistema de colonização, que, segundo o antropólogo peruano Aníbal Quijano, permanece até a atualidade num processo denominado colonialidade, pois mesmo após a colonização do Brasil pelos portugueses, esse processo de imposição se perpetuou em outras áreas, como a área do conhecimento, por exemplo. Quijano





(2005) afirma que a própria ideia das diferentes raças humanas não tem suporte biológico, mas parte de uma concepção de que certos indivíduos com características fenotípicas e culturais específicas seriam naturalmente inferiores e isso justificaria sua dominação.

Nossa formação se constitui alicerçada nas matrizes indígenas, que são nossos povos originários; a matriz africana, de povos que foram violentamente trazidos para trabalharem no Brasil, na condição de escravizados e os europeus, majoritariamente portugueses que colonizaram e exploraram as terras, os recursos naturais e os povos indígenas e africanos, aqui, destruindo o modo de ser desses povos e impondo como única cultura aceitável, a cultura e os valores do colonizador.

A própria educação tornou-se ferramenta de dominação dessa visão eurocêntrica, e até os dias atuais, perpetuam-se preconceitos acerca das culturas indígena e afro-brasileira. Saviani (2008) diz que se o principal objetivo da educação é formar as novas gerações nos costumes e saberes existentes, no caso das primeiras ações educacionais do nosso país, desenvolvidas pelos jesuítas, tinha-se um processo de aculturação, no qual o objetivo era destruir a cultura indígena, enfraquecendo-os em sua identidade para assim dominá-los, submetendo-os aos interesses, aos valores, aos hábitos e a ideologia do colonizador.

Embora se tenha tentado desenvolver ações para reparar os danos sofridos por esses grupos por meio do processo educacional, tais como a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena nas instituições de ensino fundamental e médio, determinada pela Lei nº 11.645 de 2008 (BRASIL, 2008), ainda não é obrigatório a presença destes conteúdos nos cursos de formação de professores, ou seja, nas licenciaturas.

E quando existe alguma tentativa de trazer estes assuntos para o currículo, parece ser insuficiente para abranger toda a complexidade destes temas. Como exemplo, o curso de Pedagogia da Faculdade de Educação e Ciências Integradas de Crateús (FAEC) conta com apenas uma disciplina com esta finalidade, sendo ela “Cultura Brasileira”, e mesmo assim, essa disciplina não faz parte da grade fixa do curso, sendo optativa. É no mínimo contraditório esperar que a educação escolar cumpra esse papel de superação da colonialidade, se as/os professoras/es não são instrumentalizadas/os durante a formação profissional.





Neste sentido, buscou-se criar uma ação que possibilitasse não somente um maior envolvimento das/os licenciandas/os em Pedagogia no estudo da formação da sua própria cultura, como também buscasse expandir esses conhecimentos a estudantes de outros cursos e à comunidade externa da universidade. Assim surgiu a Expo Cultural da FAEC, que tinha como título “A cultura como instrumento de conhecimento e resistência”.

Essa exposição, realizada pelas/os discentes da disciplina de Cultura Brasileira, turma 2023.2, do curso de Pedagogia e pela professora Dr^a. Bárbara Zeferino, tinha como objetivo expor objetos, artefatos, personagens, brincadeiras, músicas, literatura e a história de personalidades das culturas afro-brasileira, indígena e nordestina, em especial da região do Sertão de Crateús, local de origem de boa parte do corpo discente e que abrange 13 municípios do Estado do Ceará.

A justificativa para a escolha destas manifestações se deu por reconhecer que as três continuam sendo inferiorizadas por pontos de vistas dominantes, apesar de fazerem parte do cotidiano e da construção de identidades, pois o adestramento de corpos contribui com o esquecimento e a negação de nossas raízes culturais. Com isso, esperava-se promover a reflexão acerca da pluralidade cultural, identificar as opressões sofridas e as práticas de resistência adotadas. Por este motivo, o presente trabalho pretende trazer, a partir da perspectiva das/os realizadoras/es e das/os ouvintes, as contribuições que este evento trouxe para sua formação, pessoal e profissional.

2 Desenvolvimento

2.1 Uma breve contextualização da disciplina de Cultura Brasileira

Na ementa da disciplina de “Cultura Brasileira” estão contemplados o registro histórico da formação étnica do povo brasileiro: identidades e heranças, as transformações históricas, a interferência da globalização e as culturas regionais, tudo isso objetivando materializar ações de extensão para compreensão e apropriação dos elementos da cultura brasileira. Neste sentido, estuda-se as diferentes manifestações culturais que fazem parte da nossa identidade.





A história dos nossos povos indígenas originários inicia antes da invasão dos portugueses, mas nos é ensinada como fruto de um passado distante. Kayapó e Brito (2014) afirmam que isso parte de uma concepção de que estes povos foram passivos e vitimados, como se eles não tivessem tido nenhuma forma de reação ou de inovação, e infelizmente as escolas contribuem para uma reprodução estereotipada de que todo indígena fala Tupy, adora Tupã e vive na floresta. Sobre isso, é fundamental “[...] negar-se a ser cúmplices desse apagamento, do epistemicídio e genocídios que nos são impostas” (MACHADO, A. F. 2019, p.64)

Felizmente isso vem sendo questionado nas propostas curriculares e inclusive, nas escolas voltadas especificamente para a população indígena, como é o caso das Escolas Diferenciadas na cidade de Crateús, que recebem os povos Tabajara, Kalabaça, Potyguara, Tupinambá e Kariri, fruto de sua luta incansável pelo direito de viver e educar suas crianças a sua própria maneira, cujos mais velhos lembram das perseguições à seus antepassados, que “foram pegos à dente de cachorro e cresceram junto com o povo dos fazendeiros” (SEDUC, 2001).

Os povos africanos também sofreram com esse apagamento histórico, um apontado por Marques (2013) é que no Ceará, tão aclamado por ser o primeiro estado brasileiro a abolir a escravidão, estudiosos da década de 1970 tais como Florival Seraine afirmavam que a presença africana foi pouco marcante. Construiu-se assim, um discurso de que a cultura africana não influenciou a cultura cearense, e o discurso da abolição foi utilizado mais como glorificação dos abolicionistas, do que como vitória e conquista dos libertados.

Quanto à cultura sertaneja, Vasconcelos (2006) faz uma análise de diversos autores para tentar compreender a imagem, muitas vezes preconceituosa, que se tem do nordestino sertanejo, destacando como possível causa deste fenômeno a divisão das regiões do Brasil feita por intelectuais e políticos do início do século XX, entre um Sul/Sudeste desenvolvido, moderno, com grande parcela de imigrantes europeus e um Norte/Nordeste atrasado, pobre, com população miscigenada de indígenas e negros. Em contraponto a essa ideia de atraso surge também outro estereótipo, de alguém guerreiro e resistente, pois num contexto tão duro a própria natureza embrutece o sujeito.





2.2 Metodologia utilizada

Numa tentativa de maior aprofundamento das contribuições do evento e gerar novas reflexões sobre a importância de descolonizar saberes para a formação identitária, optamos por desenvolver uma pesquisa de natureza qualitativa dialógica, que consiste na integração das diferentes percepções, a respeito da exposição, pelos próprios atores sociais que colaboraram com a execução do evento, com a utilização de entrevistas. De acordo com as autoras Litwinczik e Lobo (2020) por meio dos depoimentos orais, os sujeitos podem apresentar suas particularidades ao rememorar e articular uma narrativa sobre determinado assunto.

Por entender que o “distanciamento científico”, produto da ciência moderna e também responsável pela reprodução de um sistema ideológico que conserva e determina a ordem vigente – em sua base escravocrata, misógina, autoritária, exploratória, preconceituosa e intolerante – que nesse trabalho assumimos a postura de subverter a lógica imposta, pois como nos ensina Lélia González (1979a, p.31) não podemos negar nossa ascendência negra/indígena, isto é, nossa condição de povo de cor. Diante disso foram realizadas dois tipos de entrevistas, uma direcionada ao público que construiu a exposição das diferentes culturas e outra direcionada ao público ouvinte.

Das/os discentes expositoras/es temos Eveline Santos (ES) e Felipe Carvalho (FC), responsáveis pela Cultura Afro-brasileira; Ariane Ribeiro (AR) e Kelly Macedo (KM), com a Cultura Sertanejo-Nordestina; e duas participantes que não autorizaram a identificação, representadas pela sigla IN (Identidade não autorizada), pela Cultura Indígena de Crateús. De ouvintes tivemos Terezinha Melo (TM) e mais uma participante (IN). Ao total, foram 8 entrevistas, sendo 3 anônimas, com 6 expositoras/es e 2 ouvintes.

Para **expositores** foi perguntado como pensar e planejar esta experiência contribuiu para a sua formação identitária e profissional, o que lhe marcou mais neste processo e se conheciam a origem dos elementos expostos no evento. Já para **ouvintes**, foi perguntado como a experiência pode ter impactado em sua formação pessoal e profissional, o que foi mais marcante e se conheciam a origem dos elementos da exposição.





2.3 Resultado das entrevistas

A partir da análise das entrevistas, pôde-se perceber que a conjuntura desse momento permitiu inúmeras contribuições para quem esteve presente *“Eu amei a experiência de ver alguns objetos/plantas medicinais que fizeram parte da minha infância e que eu nem fazia ideia da origem.”* (TM – ouvinte) e, principalmente para quem estava mais à frente da organização:

“Acredito que essa participação nos faz repensar mais sobre nossas origens e a permanência dessa valorização, além de levar adiante na nossa vida profissional.” (IN – expositora)

“Senti que como futura profissional da educação posso realizar momentos como este com os alunos e que oportunidades assim são infinitamente marcantes e muito gostosas de participar.” (AR – expositora)

“A oficina serviu para eu analisar as coisas da minha própria cultura e selecionar as coisas que iriam gerar mais identificação não só para mim, mas pra todos os participantes.” (KM – expositora)

Rebater mentiras epistemológicas através de momentos culturais são essenciais, *“pude ter uma experiência a mais me reconhecendo e (re)conhecendo a minha cultura.”* (AR – expositora), pois ao tomar contato com outras realidades no ato de compartilhar histórias e modos de ser/viver/existir que não são contadas nos livros, fragilizamos a perspectiva de uma história única. Assim como nos lembra Chimamanda Ngozi Adichie (2019) as histórias podem ser usadas para capacitar e humanizar, o que fica evidente em:

“Acho de suma importância que a gente tenha a noção de que vivemos em um país miscigenado, rico de culturas, rico de histórias e trabalhar em cima da cultura africana, foi muito incrível, pois pudemos perceber que mesmo com toda a opressão que havia naquela época, claro que ainda hoje existe, porém naquela época era algo muito forte, esses povos nunca deixaram de sorrir, nunca deixaram sua cultura de lado, lutaram e engrandeceram suas histórias.” (FC – expositor)

Esse movimento de repensar nossas práticas, os seus impactos e sobretudo o que as fundamenta é necessário, tendo em vista que o apagamento histórico naturaliza as desigualdades lucrativas à manutenção do capitalismo. Autoras como Lélia González (2020) e



Cida Bento (2022) ressaltam a importância de identificar as contradições entre o discurso dominante e a condição material, pois a opressão continua muito forte. E se renova pelo epistemicídio, aquilo que Pessanha (2018) define como processo que supera o genocídio, pois representa a morte social do sujeito enquanto corpo que gera e recebe conhecimento, justificando sua condição subalternizada. Isto explicaria a lacuna deixada nos espaços acadêmicos da produção feminina, negra, indígena e nordestina, algo evidenciado pelas entrevistas:

“A gente usa tipo algumas plantas medicinais, mas a origem delas, de como elas surgiram, de como começou a ser usada, isso eu não sabia, não sabia de jeito nenhum” (IN – expositora)

“Tem muitas coisas que eu mesmo não sabia que eram de origem africana” (FC – expositor)

“Como se deu a origem da cultura afro-brasileira e até ela chegar no nosso sertões não tinha tanto conhecimento.” (ES – expositora)

Dessa forma, construir o pensamento crítico em um país como o nosso, onde “a ideologia do branqueamento se constitui como pano de fundo dos discursos que exaltam o processo de miscigenação como expressão mais acabada de nossa “democracia racial”(...)” (GONZÁLEZ, 1979a,p.33), torna-se uma tarefa bastante difícil. Pois é a partir da visão de Gilberto Freyre¹, um homem, branco, de herança latifundiária, que se inventa a narrativa da “democracia racial”, que eterniza no imaginário Nordestino o discurso positivo da miscigenação, omitindo questões cruciais como o genocídio em massa e a exploração sexual de diversas mulheres africanas e indígenas.

A exposição nasceu desse impulso de compartilhar conhecimentos que provocariam uma re-leitura de mundo acerca da confluência² de personalidades indígenas e africanas, mostrar que para além da narrativa da violência sofrida, esses jamais aceitaram de maneira pacífica as condições sub-humanas que lhes eram impostas. Contrapondo-se, dessa forma, à hegemonia cultural dominante, como afirma Moura, “o monopólio da cultura no Brasil, o monopólio do saber, é também o monopólio do poder.” (2020, p.245)

Nesse sentido, a exposição objetivava também divulgar as histórias de lutas dos povos afro-indígenas. Sobre isso, a historiadora Beatriz Nascimento (1985) nos mostra que a





1ª formação de quilombos³ acontece paralela ao período escravista, no ano de 1559. Fazer o resgate histórico de lideranças como Luísa Mahin⁴ – mãe de Luís Gama⁵ – ou sobre a existência da República Negra de Palmares (1595-1695), o 1º estado livre do continente durante o Brasil colônia, com a brilhante força de Zumbi, não são registros muito atrativos para um sistema que precisa negar a historicidade dos fatos, a fim de manter as desigualdades por ele construídas.

Uma das ouvintes trouxe como inesquecível a presença de autoras feministas na exposição Sertanejo-nordestina, citando a Nísia Floresta, *“Achei muito interessante ela. Pois eu não sabia que a 1ª mulher considerada feminista era do Nordeste. E como isso não é falado como algo importante, sabe?”* (IN – ouvinte). Isso constrói uma política de encontros entre diferentes mulheres que atravessa espaço e tempo,

“Foi marcante saber em meio às pesquisas o quanto diversas mulheres contribuíram para o que temos hoje e como isso não é mostrado na educação, em sala de aula ou nos ambientes fora da escola, isso também é algo que irei levar para mim, como professora.” (AR – expositora)

“Imagina como a gente poderia ter evoluído mais se ela fosse mais conhecida.” (IN – ouvinte)

A sede de mudança nasce da tomada de consciência sobre aquilo que é supostamente natural. Não é coincidência que a bibliografia de mulheres que contestam as relações de dominação, de gênero, de raça e de classe encontrem dificuldades de publicação, enquanto a produção centralizada na figura do homem branco cis-heteronormativo seja utilizada como padrão de racionalidade. A herança patriarcal somada ao racismo faz com que o trabalho doméstico e as funções de cuidado continuem sendo atreladas à feminilidade e invisibilizadas pelo sistema.

Outra coisa que provoca reflexões acerca da valorização da velhice nas culturas originárias foi o reconhecimento da tradição oral como fator de humanização, em que uma das expositoras dessa cultura manifestou que *“sem dúvidas a visita e participação de pessoas mais velhas, com tanta história para contar”* (IN – expositora) como elemento mais significativo durante esse processo.





“Ainda existe muita coisa que tá introduzido no nosso dia a dia e não sabemos que foi herdado deles.” (IN – ouvinte)

“Era muito interessante se a sociedade pudesse ver como é linda essa cultura e como é importante pra gente, porque tudo vem através deles.” (IN – expositora)

É perceptível que tomar contato com tais culturas promovem um sentimento de identificação e pertencimento, *“foi um momento muito nostálgico, me fez lembrar a minha infância ver o quanto essas brincadeiras representam a minha cultura” (KM – expositora)*. O retorno ao coletivo envolve a apropriação de nossas verdadeiras raízes, o reconhecimento de que a cultura dita brasileira é marcadamente afro-indígena, basta olhar para os nossos pratos típicos, para a nossa linguagem, para as músicas, a medicina extraída da terra ou as brincadeiras, pois a cultura sobreviveu ao genocídio e resgatá-la em sua origem é o nosso maior instrumento de luta.

3 Considerações finais

A cultura brasileira é extremamente diversa, com influências das culturas indígenas, africanas e europeias. Porém, devido ao violento processo de colonização do país, difundiu-se uma visão eurocêntrica dominante, enquanto as demais manifestações culturais foram marginalizadas, resultando em fenômenos como a colonialidade e o epistemicídio. Neste sentido, a realização de eventos como a Expo Cultural da FAEC são essenciais para subverter essa lógica e apresentar experiências de dimensões pedagógicas, por meio de atividades de extensão que possibilitam divulgar a pesquisa e o ensino que junto a extensão compõem o tripé da Universidade, por meio do qual, a mesma cumpre sua função social.

Dialogando com a comunidade acadêmica e com a população da região, numa proposta que busca construir uma educação antirracista. Por meio do depoimento de expositores e das ouvintes se pode notar que para além de aprender e conhecer mais sobre estas culturas na perspectiva de um pesquisador que observa um objeto à distância, houve uma identificação de aspectos que eram próprios da identidade das/os estudantes, pois essas culturas estão fortemente inseridas em seus cotidianos, ainda que não percebessem.





Ao gerar essa familiaridade com as culturas indígena, afro-brasileira e sertaneja e com as contribuições destas para a construção do conhecimento, também se desperta a noção de potencialidade destes povos nas/os estudantes de licenciaturas, que demonstraram interesse inclusive em levar experiências como esta para a sala de aula. Trazer autoras/es e estudiosas/os que representam uma parte das ações de resistência destes grupos pode ser um bom começo para tentar reverter o quadro da educação como propagadora de preconceitos, e assim, construir ações de respeito às diferenças culturais.

Notas

1. Sociólogo e antropólogo brasileiro, estudioso da formação social do Brasil e autor do livro Casa Grande e Senzala.
2. Categoria presente na obra do quilombola Nêgo Bispo, “Quando a gente confluencia, a gente não deixa de ser a gente, a gente passa a ser a gente e outra gente – a gente rende. (2023, p.9).
3. Os quilombos configuravam uma forma alternativa de resistência articulada do povo negro contra as imposições do sistema colonial.
4. Figura central na organização e participação de lutas armadas do movimento abolicionista, especialmente, na Revolta dos Malês (1835).
5. Continuou o legado da mãe na luta abolicionista, recebendo o título de Patrono da Abolição da Escravidão no Brasil.

Referências

ADICHIE, C. N. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

BENTO, C. **O pacto da branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

BRASIL. **Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008**. Altera a lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela lei n. 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena". Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm Acesso em: 28 abr. 2024.

GONZALEZ, Lélia (1979a). **Cultura, etnicidade e trabalho: efeitos linguísticos e políticos da exploração da mulher** (mimeo, Annual Meeting of the Latin American Studies Association, Pittsburgh, 5-7 de abril, 1979).





GONZALEZ, Lélia. **A mulher negra na sociedade brasileira: uma abordagem político-econômica.** In: Luz Madel (org.), O lugar da mulher, estudos sobre a condição feminina na sociedade atual, Rio de Janeiro, Graal, v.1, 1982.

KAYAPÓ, Edson; BRITO, Tamires. **A pluralidade étnico-cultural indígena no Brasil: o que a escola tem a ver com isso?.** Mneme - Revista de Humanidades, [S. l.], v. 15, n. 35, p. 38–68, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufm.br/mneme/article/view/7445>. Acesso em: 2 maio. 2024.

LITWINCZIK, M. .; LOBO, C. G. de A. **A aplicação de história oral para documentação e análise de experiências em políticas educacionais.** Cadernos do FNDE , [S. l.], v. 1, n. 2, p. 09–26, 2020. DOI: 10.5281/zenodo.5825536. Disponível em: <https://www.fnde.gov.br/publicacoes/index.php/cadernosFNDE/article/view/23>. Acesso em: 6 maio. 2024.

MACHADO, Adilbênia Freire. **Filosofia Africana: Ética de cuidado e de pertencimento ou uma poética de encantamento.** - Edição Especial. Paraíba: Problemata, 2019.

MARQUES, Janote Pires. **A invisibilidade do negro na história do Ceará e os desafios da Lei 10.639/2003.** Poiésis-Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação, v. 7, n. 12, p. 347-366, 2013. Disponível em: <https://portaldeperiodicos.animaeducacao.com.br/index.php/Poiesis/article/view/1830>. Acesso em: 6 maio. 2024.

MOURA, Clóvis. **Dialética Radical do Brasil Negro.** São Paulo: Anita Garibaldi, 2020.

NASCIMENTO, Beatriz. **Beatriz Nascimento, Quilombola e Intelectual: Possibilidades nos dias da destruição.** Local: Filhos da África, 2018.

PESSANHA, Eliseu Amaro de Melo. **Necropolítica & Epistemicídio: as faces ontológicas da morte no contexto do racismo.** Dissertação (Mestrado em Metafísica) – Universidade de Brasília, 2018. 98 páginas.

QUIJANO, Anibal. **Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina.** In: QUIJANO, Anibal. A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2005. p.117-142. Disponível em: https://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12_Quijano.pdf. Acesso em 28 abr. 2024.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **A terra dá, a terra quer.** São Paulo: Ubu Editora/PISEAGRAMA, 2023.





EXTENSÃO VIVA!

REVISTA DE EXTENSÃO E CULTURA DA UECE



SAVIANI, Demerval. Colonização e Educação. In: SAVIANI, Demerval. **História das idéias pedagógicas no Brasil**. 2 ed. rev. e ampl. Campinas: Autores Associados, 2008. (Coleção memória da educação). p. 25-32.

SEDUC. **Livro das raízes indígenas povos de Crateús** - O povo que tem a força da Jurema. Crateús/CE, 2001. 78 p.

VASCONCELOS, Cláudia Pereira. **A construção da imagem do nordestino/sertanejo na constituição da identidade nacional**. Anais do 2º Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, 2006. Disponível em:
http://cult.ufba.br/enecul2006/claudia_pereira_vasconcelos.pdf. Acesso em: 6 maio. 2024.

